



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA

Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº 17.228 de 25/11/2016



PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXIX SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS **SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2025**

Perfil da violência contra a mulher em Feira de Santana, Bahia, de 2020 a 2024

Anna Carolina Souza Silva¹; Felipe Souza Dreger Nery²

1. Anna Carolina Souza Silva, PVIC/UEFS, ENFERMAGEM, e-mail: acssilva@uefs.br

2. Felipe Souza Dreger Nery, DEPARTAMENTO DE SAÚDE, e-mail: fsdnery@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Feminicídio; Violência; Epidemiologia.

INTRODUÇÃO

A violência é um fenômeno social definido pela OMS (2002) como o uso de força ou poder para ameaçar ou causar lesões físicas ou psicológicas. No Brasil, a Lei Maria da Penha classifica a violência contra a mulher em física, psicológica, moral, patrimonial e sexual (Brasil, 2006). Em nosso país, em 2022, cerca de 30% das mulheres sofreram algum tipo de violência ou agressão (Cerqueira; Bueno, 2023). O crime geralmente é cometido contra mulheres negras, por conhecidos das vítimas, sendo mais prevalente a violência por parceiro íntimo (Caicedo-Roa e Cordeiro, 2024). Portanto é necessário conhecer não somente o perfil das vítimas, como também dos agressores, além de monitorar o número de casos com o objetivo de planejar estratégias de mitigação.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo, de caráter descritivo e ecológico, agrupou os dados em quatro eixos: (1) características sociodemográficas das vítimas (idade, raça/cor, estado civil, escolaridade e orientação sexual); (2) ocupações, classificadas pela CBO; (3) tipificação da violência (tipo, agravantes, motivação e local da agressão); e (4) perfil sociodemográfico dos agressores (vínculo com a vítima, sexo, uso de álcool e ciclo de vida). As informações foram obtidas no DATASUS/SINAN, referentes a mulheres com 15 anos ou mais residentes em Feira de Santana, no período de 2020 a 2024. Para análise, utilizaram-se medidas de tendência central e dispersão (variáveis quantitativas) e frequências absolutas e relativas (variáveis qualitativas), processadas no SPSS v.15 (licenciado para o NUDES). O trabalho está vinculado a projeto de pesquisa aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (parecer nº 3.945.931/CAAE nº 29138420.4.0000.0053), em conformidade com as resoluções 466/2016 e 510/2018 (Brasil, 2016; 2018a) e tem apoio da Universidade Estadual de Feira de Santana e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB).

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO

Entre 2020 e 2024, foram registradas 2.464 notificações de violência contra a mulher em Feira de Santana. As vítimas eram majoritariamente mulheres de 30 a 39 anos (29,6%), pardas (62,2%), solteiras (64,9%), heterossexuais (98,4%) e com ensino médio completo (40,6%) (Tabela 1). Quanto à ocupação, predominou mulheres desempregadas (23,4%), donas de casa (18,5%) e estudantes (6,7%).

Tabela 1 – Perfil sociodemográfico das mulheres acometidas por violência interpessoal, em Feira de Santana, Bahia, no período de 2020-2024.

DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	n	%
Faixa etária		
10 a 19 anos	311	11,8
20 a 29 anos	664	25,1
30 a 39 anos	782	29,6
40 a 49 anos	577	21,8
50 a 59 anos	230	8,7
60 anos ou mais	82	3,1
Raça/cor (n =2.426)		
Parda	1.510	62,2
Preta	645	36,6
Branca	228	9,4
Amarela	34	1,4
Indígena	09	0,3
Estado civil (n = 2.328)		
Solteira	1.510	64,9
Casada/ União Consensual	621	26,7
Separada judicialmente	151	5,7
Viúva	46	2,0
Orientação Sexual (n = 2.256)		
Heterossexual	2.072	98,4
Homossexual	28	1,3
Bissexual	06	0,3
Escolaridade (n = 1.633)		
Analfabeto	01	0,1
Ensino fundamental incompleto (antigo ginásio ou 1º grau)	326	20
Ensino fundamental completo (antigo ginásio ou 1º grau)	104	6,4
Ensino médio incompleto (antigo colegial ou 2º grau)	225	13,8
Ensino médio completo (antigo colegial ou 2º grau)	663	40,6
Educação superior incompleta	132	8,1
Educação superior completo	182	11,1

Fonte: SINAN/DATASUS/MS (2020-2024) elaborado pelos autores (2025). *Grupo com porcentagem menor que 5%. **O nível de escolaridade varia conforme o cargo ocupado. ***Desempregada, desocupada ou cuja ocupação foi difícil de se obter

Referente à caracterização das notificações de violências se observou que, apesar de identificados 2.464 fichas, ocorreram 4.755 tipos de violências. Isso significa que muitas vítimas sofrem mais de um tipo de violência (aproximadamente dois tipos/vítima), sendo a violência psicológica (40,9%) e física (38,3%) as mais frequentes, com uso da força física (36,6%) e ameaça (35,5%). A principal motivação foi o sexismo (79,1%) e ocorrendo na residência (87,7%) (Tabela 2).

Se observou que em sua maioria os agressores são homens (90,3%), conhecido pela vítima (88,8% – considerando familiares, amigos e pessoas próximas), sendo principalmente o cônjuge (33,0%) ou ex-cônjuge (31,1%). Em relação às características desse agressor, 80,2% eram adultos com idade variando de 25 a 59 anos e sob influência do álcool (50,8%).

Tabela 3 – Caracterização das notificações de violência interpessoal contra mulheres, em Feira de Santana, Bahia, entre 2020-2024.

VARIÁVEIS	n	%
Tipos de Violência (n = 4.755)		
Física	1.823	38,3
Psicológica	1.944	40,9
Sexual	457	9,6
Outros Tipos	531	11,2
Agravos (n = 3.666)		
Força	1.329	36,3
Enforcamento	342	9,3
Objeto	149	4,1
Corte	219	6,0
Quente	21	0,6
Envenenamento	25	0,7
Fogo	167	4,6
Ameaça	1.300	35,5
Outros	114	3,1
Motivação (n =588)		
Sexismo	465	79,1
Conflito Geracional	59	10,0
Deficiência	44	7,5
Outros	20	3,5
Local (n = 2.396)		
Residência	2.101	87,7
Via pública	216	9,0
Outro	68	2,9

Fonte: SINAN/DATASUS/MS (2020-2024). Elaborado pelos autores (2025).

DISCUSSÃO

A Violência Contra a Mulher (VCM) constitui de um fenômeno sociocultural, que reflete diretamente as condições econômicas, estruturais e políticas de uma sociedade. Diante disto, se revela a importância de conhecer o perfil das mulheres e de seu agressor, buscando identificar fatores passíveis de modificação.

A faixa etária das vítimas diverge da literatura ao passo que aponta para a frequência de mulheres adultas (30-39), diferente de estudos anteriores que indicavam a maioria entre adolescentes e jovens (Decker *et al.*, 2015; Rocha; Almeida; Araújo, 2011). Ressalta-se que existe obrigatoriedade de profissionais da saúde de notificar casos de VCM, sendo que as mulheres adultas, tendem a buscar ajuda quando a violência atinge certos extremos (Souza; Silva, 2019; Vasconcelos *et al.*, 2025). Em relação ao estado civil foi encontrado que a notificação ocorre principalmente em mulheres solteiras, demonstrando uma mudança no perfil sociodemográfico em comparação ao estudo feito na mesma cidade no ano de 2011 (Rocha; Almeida; Araújo, 2011). Essa mudança pode ser explicada pela não tolerância das mulheres em permanecer em um relacionamento violento, considerando que o segundo principal vínculo com o agressor foi ex-cônjuge.

A raça/cor parda foi a mais frequente, o que reflete a influência das iniquidades em vários âmbitos sociais (Vasconcelos *et al.*, 2025). Expondo repetidamente que a mulher negra na sociedade está relacionada a desfechos e indicadores negativos o relatório “Visível e Invisível: A Vitimização de Mulheres no Brasil - 4ª edição - 2023” aponta que elas

apresentam elevado grau de vitimização por violência física grave, não pelo fato da raça/cor biologicamente ser fator de risco a violência, mas no quesito da vulnerabilidade ser produzida pelo racismo estrutural, dificultando o acesso às políticas públicas e medidas de proteção (Bueno *et al.*, 2023).

Potencializando essa situação, a alta frequência de desempregadas ou ocupações como estudantes e donas de casa constituem um grupo de mulheres dependentes financeiramente, dificultando a notificação e desvinculação com o agente agressor (Souza; Silva, 2019; Vasconcelos *et al.*, 2025).

Quanto a esse agente, o estudo identificou que grande parte dessa violência ocorre pelo (ex)cônjuge, dentro de sua residência e com uso da força física, e quando associada aos fatores socioculturais de culpabilização da vítima, potencializam-se as barreiras para a notificação e punição dos agressores (Souza; Silva, 2019; Vasconcelos *et al.*, 2025).

Um ponto a se considerar, é que 88,8% das violências ocorreram por conhecidos, dado bastante relevante compatível com a literatura, que apontam que o VCM é perpetuado majoritariamente por pessoas do círculo social da vítima (Soares; Lange; Lindner, 2025). Entre as limitações do presente estudo está o fato de que estudos ecológicos não permitem estabelecer relações causais e a subnotificação no preenchimento das fichas do SINAN compromete a qualidade da análise.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A VCM é um fenômeno social, que ocorre principalmente em mulheres negras, de média-baixa escolaridade, solteiras e vitimizadas por conhecidos no âmbito residencial. Sendo a maioria desempregadas, de 30-39 anos e heterossexuais. Sugere-se que novos estudos sejam conduzidos através de inquéritos em saúde com o objetivo de avaliar fatores associados à violência contra a mulher.

REFERÊNCIAS

BUENO, Samira *et al.* **Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2023. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2023/03/visiveleinvisivel-2023-relatorio.pdf>. Acesso em: 15 set. 2025.

DECKER, Michele R. *et al.* Gender-Based Violence Against Adolescent and Young Adult Women in Low- and Middle-Income Countries. **Journal of Adolescent Health**, [s. l.], v. 56, n. 2, p. 188–196, 2015. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1054139X14003838>. Acesso em: 4 set. 2025.

ROCHA, Saulo Vasconcelos; ALMEIDA, Maura Maria Guimarães De; ARAÚJO, Tânia Maria De. Violência contra a mulher entre residentes de áreas urbanas de Feira de Santana, Bahia. **Trends in Psychiatry and Psychotherapy**, [s. l.], v. 33, n. 3, p. 164–168, 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2237-60892011000300006&lng=pt&tlng=pt. Acesso em: 4 set. 2025.

SOUZA, Marjane Bernardy; SILVA, Maria Fernanda Silva da. Estratégias de enfrentamento de mulheres vítimas de violência doméstica: uma revisão da literatura brasileira. **Pensando famílias**, [s. l.], v. 23, n. 1, p. 153–166, 2019. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S1679-494X2019000100012&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 4 set. 2025.

VASCONCELOS, Nádia Machado De *et al.* Quem são as mulheres adultas expostas à violência no Brasil?. **Revista de Saúde Pública**, [s. l.], v. 59, p. e236103, 2025. Disponível em: <https://revistas.usp.br/rsp/article/view/236103>. Acesso em: 4 set. 2025.